

DOCUMENTOS • Nº 5

SEGUNDA SEMANA DA PALESTINA

A POESIA PALESTINA DO SÉCULO XX



Mahmoud Darwish, o mais notável dos poetas palestinos, na memorável sessão de leitura dos seus poemas em Ramallah, na noite de 1 de Julho de 2008

EDIÇÃO 1
JANEIRO DE 2010

A segunda iniciativa integrada na 2ª Semana da Palestina, que o MPPM organizou entre 21 e 28 de Novembro de 2009, em torno do Dia Internacional de Solidariedade com o Povo da Palestina, foi dedicada à "Poesia Palestina do Séc. XX".

Como destacou Júlio de Magalhães - responsável pela selecção e tradução dos poemas e ainda pelas notas biográficas dos seus autores - a poesia foi fundamental na construção da identidade árabe ao longo dos séculos. Esta identidade construiu-se em torno da língua árabe, a língua do Corão, e na expansão do mundo árabe a poesia teve um papel primordial.

Quando, no século XX, há um movimento político de ressurgimento árabe na sequência da luta contra o Império Otomano, instigada pelas potências ocidentais, que resulta na criação de Estados com fronteiras artificialmente criadas, há também um renascimento cultural, que se inicia no Egipto e se alarga a todo o mundo árabe. Com a criação dos novos Estados, atenua-se o conceito de poesia árabe e começam a surgir as variantes nacionais. É nesse contexto que surge uma poesia de matriz palestina.



Com poemas ditos por Maria do Céu Guerra e João D'Ávila, foram evocados os seguintes poetas nascidos na Palestina: Fadwa Tuqan ("Basta-me", "O Dilúvio e a Árvore"); Tawfiq Zayyad ("Aqui ficaremos"); Samih al-Qasim ("Morcegos"; "Cinzas"); May Sayigh ("Partida"); Murid Barghuty ("Certeza"; "Excepção"); Ahmed Dahbur ("Novas sugestões"; "A Morte do sapateiro"); Hanan Ashrawi ("Morte por enterramento"); Hanan Awwad ("É tempo do cavaleiro triunfar"; "Últimas palavras dos mártires na Palestina"); Ghassan Zaqtan ("Escuridão"; "Um espelho"; "Um incidente") e Mahmud Darwich ("À minha mãe"; "Mural").

O MPPM reúne, neste documento, a versão integral dos poemas e textos apresentados nesta sessão.

A POESIA PALESTINA DO SÉCULO XX

Júlio de Magalhães

A poesia tem sido, ao longo dos séculos, um dos veículos privilegiados da civilização árabe. Mesmo antes do advento do islão. Tradicionalmente, usa-se dividir a poesia árabe em cinco grandes períodos:

1. Época primitiva (correspondente aos tempos da *Jâhiliyya*, ou da “ignorância”): desde o século V à Hégira (início da era muçulmana (622));
2. Época “muçulmana” propriamente dita: desde 622 a 750 (início da dinastia abássida, que substituiu a dinastia omíada);
3. Época do “modernismo” e do “neo-classicismo”: de 750 a 900;
4. Época do “provincianismo”: de 900 aos fins do século XVIII;
5. Época contemporânea: do século XIX aos nossos dias.

A partir dos primórdios do islão, o papel da poesia assume especial importância, já que a identidade árabe se constrói em torno da língua (e da religião), da língua sagrada em que está escrito o Corão, e a poesia, dita e escrita nessa língua, acompanha a difusão da civilização árabe.

Durante o califado abássida de Bagdad, surgem nomes tão notáveis como Abu Nuwas [762(?) - 813(?)] e Al-Mutanabbi [915-965]. No califado omíada de Córdova distingue-se Al-Mu'tamid [1040-1095].

Com a integração de quase todo o mundo árabe no Império Otomano, a partir do século XVI, regista-se um certo apagamento da poesia árabe, que ressurgirá no século XX.

Os acontecimentos verificados durante e a seguir à Primeira Guerra Mundial vão transformar o mapa político do Médio Oriente. Desejosos de derrotar os turcos, os britânicos servem-se do coronel Lawrence, o célebre Lawrence da Arábia, para vender aos árabes a ideia de uma independência relativamente à Sublime Porta. Lawrence instiga o Grande Xerife de Meca, Hussein bin Ali a revoltar-se contra os turcos com a promessa de vir a reinar sobre toda a região. Hussein, emir de Meca desde 1908, torna-se rei do Hijaz (1917-1924), acabando por abdicar em seu filho primogénito Ali. Este viria a ser destronado (1925) por Abdul Aziz ibn Saud, que criaria na Península Arábica, com o apoio ocidental, o reino da Arábia Saudita. Os filhos de Hussein nunca conseguiriam unificar o mundo árabe (a leste do Egipto): Ali, fora derrotado por Ibn Saud; Abdulah, seria rei da Transjordânia; Feisal, seria efémero rei da Síria (1920) e, devido aos compromissos anglo-franceses, obrigado a trocar o trono da Síria pelo do Iraque, onde reinaria de 1921 a 1933. O Egipto, que fora separado *de jure* do Império Otomano em 1914, com a criação de um sultanato, acabaria por se tornar independente dos ingleses, com Fuad I, em 1922.

Os novos estados árabes, fruto dos acordos entre a Grã-Bretanha e a França, apareceram com fronteiras traçadas a régua e esquadro por aquelas potências, que conservariam os seus interesses coloniais, nomeadamente o petróleo e a navegação no canal de Suez. A Palestina, que fazia parte do Império Otomano, ficou com o estatuto de território de mandato sob administração britânica. Nas suas terras seria criado, em 1948, o estado de Israel. A parte atribuída aos palestinos, que tem diminuído ao longo dos anos, não logrou até hoje alcançar a independência.

A par das tentativas de ressurgimento e emancipação política do mundo árabe, só parcialmente alcançadas, registou-se também, no século XX, um movimento de renascimento cultural, a *Nahda*, que procurou restaurar o

prestígio dos tempos áureos do califado. Este movimento, que se verificou principalmente na literatura, e em especial na poesia, iniciou-se no Egipto, na Síria e no Líbano e estendeu-se depois aos outros países árabes. Nomes como Ahmad Chawki, Nizar Qabbani, Khalil Gibran, tornaram-se conhecidos em todo o mundo culto.

Com a criação dos novos estados, a poesia começa a ter características nacionais, referindo-se à realidade dos respectivos países. Na Palestina, a maior parte dos poetas do século passado toma por tema preferido a ocupação da sua pátria, nomeadamente depois da Guerra dos Seis Dias, em 1967.

A selecção de poetas e de poemas para esta sessão, integrada na Segunda Semana da Palestina, promovida pelo MPPM, é, como todas as selecções, uma escolha pessoal. Pretendemos abranger poetas de diversas tendências, ao longo de todo o século XX. Houve que fazer opções, tendo em conta a extensão dos poemas, mas incluímos os poetas mais importantes deste período e tomámos em consideração a diferença de estilos. A poesia teve sempre um lugar importante na literatura palestina e os principais escritores palestinos antes de 1948 foram especialmente poetas.

Os autores foram ordenados por ordem cronológica de nascimento, iniciando-se a sessão com a grande senhora da poesia palestina Fadwa Tuqan. Seguem-se Tawfiq Zayyad, Samih al-Qasim, May Sayigh, Murid Barghuty, Ahmed Dahbur, Hanan Ashrawi, Hanan Awad, Ghassan Zaqtan e Mahmud Darwich, que surge fora da ordem cronológica, mas que encerra a sessão como a maior figura da poesia palestina do século XX.



FADWA TUQAN (1917-2003)



Grande senhora das letras palestinas, é considerada um dos melhores poetas árabes contemporâneos. Irmã do também poeta Ibrahim Tuqan, Fadwa nasceu em Nablus em 1917 e começou a escrever de forma tradicional. Foi, contudo, uma das pioneiras no uso do verso livre na poesia árabe. As suas primeiras obras são explorações femininas do amor e do protesto social mas depois de 1967 começou também a escrever poemas patrióticos. A sua autobiografia, publicada em 1985, foi traduzida para inglês em 1990, com o título A Mountainous Journey. Fadwa Tuqan recebeu o Prémio Internacional de Poesia, em Palermo, e foi galardoada em 1990 com o Prémio Jerusalém de Cultura e Arte, da OLP, e com o Prémio dos Emirados Árabes Unidos. Recebeu, também, em 1996, o Prémio de Honra da Palestina para Poesia e foi objecto de um documentário da romancista Liana Bader em 1999. Faleceu com 86 anos na sua residência de Nablus, em Dezembro de 2003.

BASTA-ME

Basta-me morrer na sua terra
Ser sepultada nela
Desfazer-me e desaparecer no seu solo
E depois renascer como um rebento de erva
Como uma flor na mão de uma criança que cresceu no meu país.
Basta-me permanecer
No amplexo do meu país
Como terra, rebento de erva e flor.

Durante as primeiras semanas após a guerra de Junho de 1967, jornais estrangeiros e estações de rádio veicularam notícias que deixavam entrever a calamidade como se o fim do povo árabe tivesse sido decidido por esse desastre. Dessa situação nasceu o seguinte poema:

O DILÚVIO E A ÁRVORE

Quando a tempestade satânica chegou e se espalhou
No dia do dilúvio negro lançado
Sobre a boa terra verdejante
“Eles” contemplaram.
Os céus ocidentais ressoaram com explicações de regozijo:
“A Árvore caiu!
O grande tronco está esmagado! O dilúvio deixou a Árvore sem vida!”

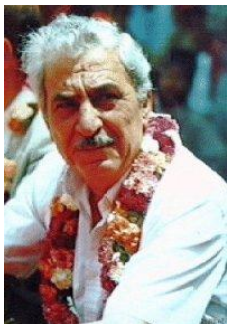
Caiu realmente a Árvore?
Nunca! Nem com os nossos rios vermelhos correndo para sempre,
Nem enquanto o vinho dos nossos membros despedaçados
Saciar nossas raízes sequiosas

Raízes árabes vivas
Penetrando profundamente na terra.

Quando a Árvore se erguer, os ramos
Vão florir verdes e viçosos ao sol
O riso da Árvore desfolhará
Debaixo do sol
E os pássaros voltarão
Sim, os pássaros voltarão com certeza
Voltarão.



TAWFIQ ZAYYAD (1929 - 1994)



Poeta e escritor, nasceu em 1929 em Nazareth. Estudou literatura russa em Moscovo e de regresso a Israel tornou-se um activista político e foi eleito para o Knesset em 1973, na lista da organização comunista Rakah. Durante vários anos foi presidente da Câmara Municipal de Nazareth, deixando na cidade a marca da sua gestão. Traduziu várias obras da literatura russa e publicou diversos livros de poesia, entre os quais Aperto Calorosamente as Tuas Mãos (1966), que é considerado um marco na história da luta palestina contra Israel. Muitos dos seus poemas foram musicados.

AQUI FICAREMOS

Como se fôssemos vinte impossibilidades
Em Lydda, em Ramla, na Galileia

Aqui ficaremos
Como tijolos sobre os vossos peitos
Como lascas de vidro nas vossas gargantas
Como espinhos de um cacto nos vossos olhos
Como uma tempestade de fogo.

Aqui ficaremos
Como um muro sobre os vossos peitos
Lavando preguiçosamente os pratos, no ruído dos bares
Servindo bebidas aos nossos senhores
Esfregando o chão das cozinhas enegrecidas
Para arrancar dos vossos dentes azuis
Uma côdea para os nossos filhos.

Aqui ficaremos
Como um pesado muro sobre os vossos peitos
Nós famintos
Que não temos que vestir
Nós vos desafiamos.
Cantamos as nossas canções
Percorremos as ruas violentas com as nossas manifestações de raiva
Enchemos as prisões com dignidade e orgulho
Continuamos a ter filhos
Uma geração revolucionária
Depois de outra
Como se fôssemos vinte impossibilidades
Em Lydda, em Ramla, na Galileia!

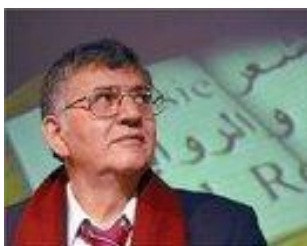
Aqui ficaremos
Façam-nos o pior
Nós guardamos a sombra
Da oliveira e da figueira
Nós semeamos as ideias
Qual fermento na massa
Os nossos nervos estão enregelados
Mas o fogo do inferno aquece os nossos corações.

Se tivermos sede
Espremeremos as rochas
Se tivermos fome
Comeremos a terra
Mas nunca partiremos.
O nosso sangue é puro
Mas não o pouparemos.
Aqui temos o nosso passado
O nosso presente
E o nosso futuro
O nosso futuro está atrás de nós.
Como se fôssemos vinte impossibilidades
Em Lydda, em Ramla, na Galileia
Ó raízes vivas agarrem-se firmemente
E penetrem no fundo da terra.

É melhor para o opressor
Refazer as suas contas
Antes que a roda desande
“Para cada acção há uma reacção” – ouçam
O que diz o Livro.



SAMIH AL-QASIM (1939)



É um dos mais famosos poetas palestinos. Oriundo de uma família drusa, nasceu na Galileia em 1939, foi educado em Rama e Nazareth e exerceu actividade docente numa escola pública israelita de que foi demitido devido às suas posições políticas. Foi várias vezes preso em Israel pela sua militância a favor da causa palestina. Trabalhou como editor nos jornais Ghad e Ittihad e publicou diversos livros de poesia, alguns dos quais se encontram traduzidos em inglês. Muitos dos seus poemas encontram-se musicados.

A sua primeira colectânea intitula-se Procissões do Sol (1958). Outras colectâneas reflectem a sua contínua experimentação da linguagem e da tonalidade: Amo-te como o Desejo de Morte (1980), O Lado Escuro da Maçã, o Lado Brillhante do Coração (1981), As Dimensões do Espírito (1983), Persona Non Grata (1986).

MORCEGOS

Morcegos na minha janela
Sugam as minhas palavras
Morcegos à entrada da minha casa
Atrás dos jornais, nos cantos
Seguem os meus passos,
Observando todos os movimentos da minha cabeça.

Por trás da cadeira, os morcegos observam-me
Seguem-me nas ruas
Espreitam sobre os meus livros
Ou sobre as pernas das raparigas...
Vigiam-me, vigiam-me sempre.

Há morcegos na varanda dos meus vizinhos
E aparelhos escondidos nas paredes.
Agora os morcegos
Estão à beira do suicídio.

Estou escavando uma estrada para a luz do dia.

CINZAS

Não sentes que perdemos tanto,
Que o nosso “grande” amor é agora só palavras,
Que não há mais saudade, nem urgência,
Nem verdadeira alegria nos nossos corações,
E quando nos encontramos não há desejo nos nossos olhos?
Não sentes que os nossos encontros são gelados,
Os nossos beijos frios,
Que perdemos o ardor dos contactos

E agora apenas trocamos palavras delicadas
Ou esquecemo-nos de todo de nos encontramos
E demos falsas desculpas?
Não sentes que as nossas curtas e apressadas cartas
Necessitam de sentimento e espírito,
Não contêm suspiros e sonhos de amor,
Que as nossas respostas são demoradas e difíceis?
Não sentes que um mundo se desmoronou
E outro se ergueu?
Que o nosso fim será mais amargo e assustador
Porque o fim não cai sobre nós de repente
Mas vem de dentro de nós?



MAY SAYIGH (1940)

Nasceu em Gaza em 1940 e obteve, em 1960, o bacharelato em sociologia na Universidade do Cairo. Dedicou desde sempre a sua vida à causa da liberdade e em particular ao movimento de libertação das mulheres. Em 1971, foi eleita presidente da União das Mulheres Palestinas, associação que tem representado em numerosas reuniões em todo o mundo. Publicou vários livros de poesia: Coroa de Espinhos (1968), Poemas de Amor para um Nome Perseguido (1974), Das Lágrimas e da Alegria Que Vem (1975). A sua narrativa O Cerco, sobre a invasão israelita do Líbano e o cerco de Beirute em 1982, foi publicada em 1988. Vive actualmente em Paris.

PARTIDA

Neste momento de partida.
Aponta as tuas setas vermelhas
Desliga as luzes e abre de par em par
A porta para o meu exílio.
Fecha a face aberta do céu e cavalga para longe.
Anseio profundamente que as praias mostrem os mares e os cavalos fujam!
Cascos pisaram mil vezes o meu coração,
Mil ondas quebraram-se sobre ele!
Agora vou levar as estradas e as palmeiras na minha pasta,
Vou aprisionar as minhas lágrimas nos cadernos da noite
E selar as estações.

Vou começar a nossa canção: aqui está Beirute vestindo-te como se fossem as suas roupas.
Deves sentar-te bem à superfície da sua glória
Abandonando as lágrimas
Na sua espuma azul
Ela abarca-te como a eternidade

Como o sentido do início que vem com certeza

- Como podes estar morto, e ainda assim totalmente presente?

Deixa que os rios abandonem as nascentes,
Que os ventos abandonem os céus,
E que os mares sequem!
Tudo no universo tem um fim
Excepto o meu sangue derramado...

Sempre que penso nisso
Ficas tão grande como a tua morte.
Os aviões de guerra escolhem-te, descobrem-te, plantam
Em ti o seu negrume.
De todas essas últimas visões nubladas,
Como começarás a história da colheita?
Os aviões de guerra escolhem-te,
No começo do teu sono,
No fim do teu sono.
Quantas vezes o céu explodiu sobre ti com ódio?
Quantas vezes foste posta de lado?
A quantos massacres sobreviveste?
Agora junta todas as feridas, refugiando-te na morte,
Vestindo sonhos como asas.



MURID BARGHUTY (1944)



Notável poeta, nasceu em 1944 na aldeia de Deir Ghassani e viveu a maior parte da sua vida na Diáspora. Trabalhou como professor no Kuwait durante quatro anos e na Rádio Palestina do Cairo, deixando o Egipto em 1979 após a assinatura do Tratado de Paz entre o Egipto e Israel. Viveu depois em Budapeste como representante da OLP. A sua obra iniciou-se com poemas patrióticos tendo evoluído depois para uma sensibilidade modernista e produzido algumas das mais intensas experiências poéticas entre os poetas árabes da sua geração. Foi galardoado em 1997 com o Prémio de Literatura Naguib Mahfuz da Universidade Americana do Cairo pelo seu primeiro ensaio Ra'ayt Ramallah (Eu vi Ramallah) sobre o seu regresso à Palestina após os anos de exílio. Este livro foi traduzido para inglês pela American University in Cairo (AUC).

CERTEZA

Lenta é a mão da noite quando fecha as portas
Lentas as mãos da rapariga quando fecha a janela
Quando corre os pesados estores
Quando recolhe os cinzeiros a transbordar de pontas de cigarro.
Encosta a cara ao espelho durante um minuto
“Eles estão atrasados... estão muito atrasados” ...
O relógio da parede produz o tiquetaque habitual
Lentos são os seus passos para a cama
Fria é a noite
O roçar do cobertor.
Puxa a coberta sobre o corpo
E deixa as luzes acesas em todos os quartos.

EXCEPÇÃO

Todos chegam
Rio e comboio
Som e barco
Luz e cartas
Os telegramas de pêsames
Os convites para jantar
A mala diplomática
A nave espacial
Todos chegam, todos excepto os meus passos em direcção ao meu próprio país...



AHMED DAHBUR (1946)



Nasceu em Haifa, em 1946, mas viveu no exílio desde 1948. Trabalhou como editor político na Agência de Radiodifusão Palestina na Síria. Foi também repórter do Jornal do Fatah e editor-chefe do Tunis Magazine. Regressou à Palestina para trabalhar no Ministério da Cultura. Devido a razões de ordem material não recebeu uma educação académica mas é um leitor voraz. A sua poesia, de grande sensibilidade, é dedicada à causa palestina. Publicou diversas colectâneas de poesia e foi galardoado com o Prémio Palestino de Poesia 1998.

NOVAS SUGESTÕES

De que covil fugiram os tiranos da Terra?
Nero incendiou Roma duas vezes e compôs depois uma melodia dissonante
E foi-a tocando até que a cidade cantasse com ele.
Hulagu que herdou essa melodia
Deitou fogo às bibliotecas do mundo,
Correu tinta no rio
E das cinzas nasceu a linguagem dos gafanhotos
Que se levantaram para agradecer ao doido.
Depois das saudações à loucura, veio Hitler
Que fez dos mortos barras de sabão;
Mas incapaz de ser apaziguado,
Teve de incluir o mar
Na sua destruição vital.
Guerra no mar, agitação na terra,
Combinadas na sua terrível conflagração.

Também eu vi um tirano -
Cujo poder é inferior ao dos outros três.
Cometeu todas as atrocidades,
E continua: no seu tempo
Foram cinco os poetas
Que levou ao silêncio.

Este poema foi inspirado pela morte de um amigo e camarada do poeta, Muhammad Najib Abu Rayya, que morreu numa explosão que destruiu um edifício de nove andares em Fakhani, uma zona de Beirute Ocidental habitada principalmente por palestinos. Abu Rayya foi morto conjuntamente com a mulher e os oito filhos. Era sapateiro e ofereceu muitos sapatos aos combatentes e aos pobres. Por trás do seu riso sarcástico carregava a memória de sete anos perdidos na prisão quando era jovem, por causa do seu combate político.

A MORTE DO SAPATEIRO

Os seus oito filhos e a mãe deles
Explodiram juntos,
Ele voou com eles para a segunda fronteira, o céu.
As árvores atordoadas consideraram que fora obra de um desconhecido
Enquanto o riso dos fantoches ecoou por toda a cidade.

Há um gafanhoto no campo
Quem avisará os campos?
Quem pode falar com um gafanhoto na garganta?
Deixem-nos levantar o morto
E juntar os restos dos seus membros.

Mas quem poderá seguir o caminho de noites descalças
Da cela da prisão de Abu Rayya
À sua casa espalhada pelo espaço?

Há uma borboleta no campo
Quem lhe dará as boas novas?
Ele estava aqui
Ainda posso imaginá-lo ouvindo o noticiário,
Folhas de alperce, um copo de chá ao pé;
Ele disse: “Glória aos combatentes!”
E também disse: “Renovaremos a terra com foices e martelos.”

As suas notícias viajam nos ventos,
Quem tranquilizará os ventos?
Ele estava habituado a espetar pregos no cabedal,
A ligar as feridas com rosas,
“A nossa carne está no chicote dos nossos inimigos
Caminhamos na senda do povo
Não nos desviaremos...”

Ele estava sempre presente, com a sua voz sarcástica e áspera
Não gostava da paciência:
“A sepultura caminha a passos largos na nossa direcção em mil pés...”
Ele era perspicaz (tarde demais para realizar
Que eu estava apenas a enumerar os seus traços pessoais),
Ele disse: “A sepultura caminha a passos largos na nossa direcção em mil pés
Mas não lhe darei um par de sapatos.”

Ele costumava dar sapatos
Aos pobres e aos combatentes
Quando eles perguntavam quanto custavam
Ele brincava,
“Tanto que vais maldizer o negócio.”

No momento em que a bomba rebentou
Imagino-o abanando duas vezes com raiva:
Primeiro pelo estrondo e depois
Porque a explosão não lhe deu tempo para o sarcasmo
Ele não estava a sonhar quando voou
Como pode sonhar um homem ocupado?

Nessa noite eu não estava a sonhar ou
Não estava a acusar o desconhecido.

Peço-lhe agora para se erguer
Para provar a inocência do desconhecido,
Para expor a culpa do conhecido,
Mas como habitualmente ele graceja,
Murmura, “Respondes pela minha segurança?
Se hoje eu revelar a face do assassino
Eles não irão dizer que sou eu o único a acusar?”

Os seus oito filhos e a mãe deles
Explodiram juntos
Ele voou com eles para a segunda fronteira, o céu.
As árvores atordoadas consideraram que fora obra de um desconhecido
Enquanto o riso dos fantoches ecoou por toda a cidade.



HANAN ASHRAWI (1948)



Nasceu em Nablus em 1946, filha de uma família cristã, o pai, um médico ortodoxo, e um dos fundadores da OLP, e a mãe, uma feminista anglicana. Licenciou-se em Literatura na Universidade Americana de Beirute, mas depois da Guerra dos Seis Dias foi impedida de regressar à Cisjordânia. Partiu então para os Estados Unidos onde se doutorou em Literatura Medieval e Comparada pela Universidade de Virginia. Só pôde regressar à sua terra em 1973. Estabeleceu o Departamento de Inglês na Universidade de Birzeit na Cisjordânia, que dirigiu de 1973 a 1978 e de 1981 a 1984. De 1986 a 1990 foi directora da Faculdade de Letras da Universidade. De 1991 a 1993 foi porta-voz oficial da Delegação Palestina para o Processo de Paz no Médio Oriente e de 1993 a 1995 foi responsável pelo Comité Preparatório da Comissão Independente Palestina para os Direitos dos Cidadãos de Jerusalém. Em 1996 foi eleita para o Conselho Legislativo Palestino. Ainda em 1996 foi nomeada ministra do Ensino Superior e da Investigação, lugar de que resignou em 1998 por discordâncias com Yasser Arafat. Em 1998 fundou MIFTAH-Iniciativa Palestina para a Promoção do Diálogo Global e a Democracia. É autora de diversas obras sobre literatura e, pelas suas actividades em prol da democracia e dos direitos humanos, recebeu numerosos prémios.

Em Fevereiro de 1988 soldados israelitas enterraram vivos quatro jovens – Isam Shafiq Ishtayyeh, Abdel-Latif Mahmud Ishtayyeh, Muhsin Hamdan e Mustafa Abdel-Majid Hamdan – da aldeia de Salim, perto de Nablus. Depois de os soldados partirem, os aldeões escavaram as sepulturas e conseguiram resgatá-los com vida.

MORTE POR ENTERRAMENTO

Este local não é
Próprio para plantar.
Aqui a terra é
Dura, seca, irritante –
Aglhas de folhas mortas
Arranham.
Fecho os olhos, o pó
Sufoca-me a garganta,
Nunca pensei que a terra
Pudesse ser tão pesada,
Talvez se eu
Levantar um braço
Alguém venha atravessar
Um dia a minha sepultura e,
Como nas noites dos filmes de terror,
Veja uma mão sem vida, uma palma aberta.
Dedos meio enrolados...
E grite.

Eu não morri nesse dia –
Outra coisa sucedeu
E ainda permanece
Na sepultura pútrida
Fermentando o conhecimento das trevas.



HANAN AWAD (1951)



Nasceu em Jerusalém em 1951, no seio de uma família de universitários. Escritora e poeta, é licenciada pela MacGill University e dirige o Departamento de Estudos Culturais e o Departamento de Humanidades do Colégio de Ciência e Tecnologia de Jerusalém. A sua poesia, escrita principalmente durante a Primeira Intifada, reflecte a permanente ameaça que paira sobre os palestinos, as suas casas, as suas pessoas, os seus bens. Em 1988 fundou a Liga Internacional das Mulheres para a Paz e a Liberdade, cuja acção, entre outras, enfatiza o papel da mulher no mundo árabe. Em 1992 fundou o Pen Club dos Escritores Palestinos, de que é presidente.

É TEMPO DO CAVALEIRO TRIUNFAR

À sombra das oliveiras
Na folhagem do limoeiro
Nos olhos dos pássaros
Nas lágrimas das crianças
Procuro-te

No cume do vulcão vermelho
Sobre a terra plantada de tomilho
Ó minha grande alegria
Ó minha imensa alegria
Ó pátria da tristeza, irrompe em erupção!

Se prestarmos culto a outros deuses
À sombra das tuas cinzas
Seremos pendurados na forca!

Poderemos esquecer
Que pertencemos à terra em gestação?
Poderemos esquecer
Que provimos de uma raiz mais profunda?
Ó pátria da tristeza, irrompe em erupção!
Ó pátria da tristeza, irrompe em erupção!

Guevara, aproxima-se.
O revolucionário de rosto tisonado
Desencadeia a insurreiçãõ.
Guevara beija-lhe a testa
E vislumbra leões invencíveis.

Gaza, ó minha mãe
Ó Gaza

Cresce a chama da saudade.
Na tenda do avô ressoa um cântico
Feito de sonhos de pobreza
Entoadado por grãos de luz
E pelo som das foices a ceifar os campos.

Eis a minha mãe: ela possui um segredo
Leva-me para a areia amarela
Para o amor perfumado do meu país natal,
Numa cabana
Sobre a encosta verde da montanha.

Abril!
Proclama que o meu sangue exala o perfume
Da terra dos meus antepassados.

ÚLTIMAS PALAVRAS DOS MÁRTIRES NA PALESTINA

Não estejas triste. A noite deixou cair o seu pano,
A madrugada apertou o coração exprimindo tristeza.
Quando o sol desaparecer no horizonte, não fiques triste Porque a nossa alma está a transbordar de amor
E de desejo ardente.
Não chores, alegra-te pelo combatente
Que procurou a glória para a sua pátria.

Ó Jerusalém, símbolo de eternidade para um povo generoso,
Símbolo que perdurará até ao fim dos tempos.
Ó Jerusalém, a tua chaga é a nossa chaga,
Arma-te de paciência e consola-te.
O nosso mar e as nossas areias
Ergueram-se para abater os inimigos e a tirania.
Como poderíamos viver quando sangram as nossas feridas,
Quando a nossa terra permanece sequiosa e suportamos o martírio?
A morte, ou mesmo o inferno das grades das prisões,
É preferível a uma vida humilhante.

Não escrevemos poemas pela fama,
Pela riqueza ou por uma posição invejável.
Mas é o hino do coração que
Se confunde com o espírito do sacrifício ilimitado.

Juro pelos revolucionários, pela chaga
Que trazemos dentro de nós, pela terra, pelo homem;
Juro pelos homens livres, pelo amor que
Habita em nossos corações, pela luz e pelo fogo.
Juro que defenderemos a nossa pátria
Tal como ela nos ensinou.

GHASSAN ZAQTAN (1954)



Nasceu em 1954, perto de Bethlehem. De 1960 a 1967 viveu no campo de refugiados de al-Karama. Em 1967 a família mudou-se para a Jordânia, onde Ghassan concluiu os estudos secundários e obteve o diploma de professor de educação física. Em 1979 partiu para Beirute onde trabalhou com organizações de jovens palestinos. Em 1982, devido à guerra civil no Líbano, partiu para Tunis onde foi editor da revista literária Bayadir. É editor da página literária do jornal diário Al-Ayyam, de Ramallah e editor da revista trimestral de poesia moderna Al-Shou'ara. Publicou diversos livros de poesia, e um primeiro romance em 1995. Na sua poesia abundam imagens luminosas, percorrendo temas como a vida ou a morte, com especial ênfase em motivos da vida contemporânea. Participou em inúmeros festivais internacionais de poesia e várias das suas obras estão traduzidas em francês.

ESCURIDÃO

A escuridão tem um buraco.
Com espaço para uma mão,
Negra, com cinco dedos e um braço.
A escuridão possui uma casa,
Assombrada pelos mortos,
Que tornam a sepultar os seus segredos nos tijolos.
A escuridão mata as vozes
Que clamam das pedras,
Sufocando em urtigas no fundo do poço.
E um grito,
Um violento grito de protesto,
Eleva-se do coração sombrio da floresta.

UM ESPELHO

Dois rostos assomam na catástrofe –
O meu pai e o seu cavalo; uma pequena lua
Cujas velas prenderemos sobre a nossa casa.
Se ao menos pudéssemos recuperar a nossa infância,
Agarraríamos a lua por um tempo entre as nossas mãos.
E deixá-la-íamos fugir, quando tivéssemos os corações abertos.

UM INCIDENTE

Vi uma mão acenando do rio,
Que tremeu antes de desaparecer,

Sumida algures – um rasto luminoso de ar,
Cheiro de cravo.
Os dedos continuavam a mexer, agitados,
Traçando à superfície palavras desesperadas,
Mas cansaram-se e afundaram-se.
Como nos alegramos sozinhos,
Enquanto debaixo de água
Existem florestas submersas de desejos –
O território dos vencidos.



MAHMUD DARWICH (1941 - 2008)



O mais famoso dos poetas palestinos. Nasceu em Al-Birwa, uma aldeia da Galileia perto de São João d'Acre, então território sob mandato britânico, em 13 de Março de 1941. Após a criação do Estado de Israel, em 1948, a sua aldeia foi invadida e a família fugiu para o Líbano, onde permaneceu um ano. Quando os Darwich regressaram a Israel, descobriram que a aldeia fora completamente arrasada e substituída por um colonato judaico.

Publicou o seu primeiro livro de poesia aos 19 anos: Asâfir bilâ ajniha ("Pássaros sem asas").

Em 1964 começa a ser reconhecido a nível nacional, e mesmo internacional, como uma voz da resistência palestina com o livro Awrâq al-zaytûn ("Folhas de oliveira"), que inclui o célebre poema "Bilhete de identidade". Continua a escrever poemas e artigos em jornais e revistas, é preso várias vezes pelos seus escritos e actividades políticas e, em 1970, parte para a União Soviética, onde frequenta a Universidade de Moscovo. Em 1971, trabalha no jornal Al-Ahram, no Cairo e, em 1973, dirige, em Beirute, a revista Shu'un Filistiniyya (Assuntos Palestinos).

Ainda em 1973, Darwich adere à Organização de Libertação da Palestina (OLP), sendo, por isso, proibido de voltar a entrar em Israel. Em 1982 abandona Beirute, em consequência do bombardeamento israelita e exila-se no Cairo, depois em Tunis e por fim em Paris. Em 1987 é eleito para o comité executivo da OLP mas, na sequência dos Acordos de Oslo (1993), e como forma de protesto contra a atitude da OLP, que considerou demasiado conciliatória nas negociações, abandona a Organização. Finalmente, em 1996, Darwich é autorizado por Israel a instalar-se em Ramallah (Cisjordânia), onde se encontra o governo de Yasser Arafat. Com o cerco e ataque das tropas sionistas de Ariel Sharon a Ramallah, em 2002, muda-se para Amman, na Jordânia, embora volte algumas vezes aos Territórios Ocupados e a Israel. Em 2007, assiste, em Haifa, a uma sessão em sua honra organizada no Monte Carmelo pelo partido israelita Hadash (Frente Democrática para a Paz e a Igualdade) e pela revista Masharaf; aí discursa e lê poesia para milhares de pessoas. Doente cardíaco há longos anos, Darwich, realiza a sua última intervenção pública em 1 de Julho de 2008, em Ramallah, lendo poemas para uma vastíssima audiência, numa sessão que foi considerada a sua despedida dos palestinos.

Morreu em 9 de Agosto de 2008, com 67 anos, num hospital de Houston, nos Estados Unidos, na sequência de complicações decorrentes de uma delicada intervenção cirúrgica ao coração. Foi sepultado em Ramallah, junto ao Palácio da Cultura.

A obra de Darwich, composta por mais de 30 livros de poesia e de prosa, encontra-se traduzida em cerca de 40 línguas, e foi interpretada por diversos cantores, como o libanês Marcel Khalifa, que musicou e cantou vários dos seus poemas, entre os quais o famoso "À minha mãe". No cinema, devem assinalar-se dois documentários: "Mahmoud Darwich, et la terre comme la langue", realizado em 1997 para a televisão francesa por Simone Bitton e Elias Sanbar e "Écrivains des frontières", realizado em 2004 por Samir Abdallah e José Reynes.

À MINHA MÃE

Tenho saudades do pão da minha mãe,
Do café da minha mãe,
Do carinho da minha mãe...
Estou a crescer,
De dia para dia,
E amo a vida, porque
Se morresse,
Teria vergonha das lágrimas da minha mãe!

Se um dia voltar, faz de mim
Uma sombrinha para as tuas pálpebras.
Cobre os meus ossos com a erva
Baptizada sob os teus pés inocentes.
Ata-me
Com uma mecha dos teus cabelos,
Um fio caído da orla do teu vestido...
E serei, talvez, um deus,
Talvez um deus,
Se tocar o teu coração!

Se voltar, esconde-me,
Lenha, na tua lareira.
E pendura-me,
Corda da roupa, no terraço da tua casa.
Falta-me o ânimo
Sem a tua oração diária.
Envelheci. Faz renascer as estrelas da infância
E partilharei com os filhos das aves,
O caminho do regresso...
Ao ninho onde me esperas!

MURAL

(Primeiros versos)

Eis o teu nome,
Diz uma mulher
Que depois desaparece na espiral do corredor.

Vejo ali o céu à mão de semear
E a asa de uma pomba branca transporta-me
A uma outra infância.
Não sonho que sonho. Tudo é real.
Sei que me esqueço de mim... e que vou voar.
Serei aquilo em que me vou tornar
No último céu. Tudo é branco.
O mar suspenso sobre o telhado de uma nuvem branca
E o nada no céu branco do absoluto. Estive e
Não estive.
Estou só à entrada dessa eternidade branca.
Chegado antes da minha hora,
Não me aparece algum anjo que me diga:
“Que fizeste, lá em baixo, na terra?”
E não oiço nem as aclamações dos bem-aventurados
Nem as lamentações dos pecadores. Estou só na brancura.
Só...
Nada me faz mal à porta da eternidade,
Nem os dias nem os sentimentos.
Não sinto nem a leveza das coisas
Nem o peso das obsessões.
Não encontro ninguém a quem perguntar:
“Onde está o meu onde, daqui em diante?
Onde está a cidade dos mortos? Onde estou eu?” Não há nada,
Aqui, no não-espaco... no não-tempo,
Não há existência.

Como se já tivesse conhecido a morte...
Conheço esta visão e sei que parto
Para o que não conheço. Talvez
Esteja ainda vivo em algum lado,
Consciente do que quero...

Um dia serei o que quero.

Um dia serei uma ideia que nenhum gládio levará
À terra desolada, nenhum livro...
Uma ideia semelhante à chuva sobre uma montanha
Rasgada pelo rebento de um pé de erva.

E a força não terá ganho,
Nem a justiça fugitiva.

Um dia serei o que quero.

Um dia serei pássaro e, do meu nada,
Tirarei a minha existência. Sempre que as minhas asas se
 consumem
Aproximo-me da verdade e renasço das cinzas.
Sou o diálogo dos sonhadores.
Renunciei ao meu corpo e à minha alma
Para cumprir a minha primeira viagem ao sentido,
Sou a ausência. Sou o perseguido
Celeste.

Um dia serei o que quero.

Um dia serei uma vinha.
O verão que me esprema já,
Os passantes que bebam o meu vinho
Sobre os lustres do espaço açucarado!
Sou a mensagem e o mensageiro,
As pequenas moradas e o correio.

Um dia serei o que quero.

Eis o teu nome,
Diz uma mulher
Depois desaparece no corredor da sua brancura.
Eis o teu nome. Guarda-o bem!
Não se descomponham por uma carta
E não te importes com as bandeiras das tribos.
Sê o amigo do teu nome horizontal,
Testa-o sobre os vivos e os mortos,
Condu-lo à boa dicção na companhia dos estrangeiros,
Traça-o na parede da caverna.
Ó meu nome: tu crescerás quando eu crescer,
Tu me levarás e eu te levarei,
Porque o estrangeiro é um irmão para o estrangeiro.
Apresaremos a fêmea com a vogal longa devolvida às flautas.
Ó meu nome: onde estamos agora?
Diz! O que é hoje? O que é amanhã?
O que é o tempo, o espaço,
O antigo, o novo?

Um dia seremos o que queremos.